Revista Matto-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE
SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

ANNO XI | *Cuiabá — Novembro — 1914* | NUM. 11

Urucum

Este celebre sitio de Matto-Grosso, cuja salubridade já foi revelada na Capital da Republica, era em 1885 pouco conhecido, pois nada mais era do que um modestissimo engenho d'assucar quasi occulto por um mattagal intenso. Naquelle anno, porém, transportou-se para essa localidade o Sr. Maximiliano Carcano, acompanhado de dois sobrinhos, os irmãos Cesar e José Carcano. Os novos proprietarios, dotados de notavel operosidade, tenacidade de vontade e intelligencia, emprehenderam, desde então, a transformação do local num centro mais condizente com a civilização da visinha cidade de Corumbá, que dista dahi cerca de 20 kilometros. Abateram-se mattas, alinharam-se casas, cultivou-se, com esmero, o terreno, até que, emfim, a instancias do general Feliciano Mendes de Moraes, construiram-se, no anno proximo findo, lindos pavilhões para uma enfermaria de beri-bericos e artisticos *chalets*, esparsos aqui e acolá e ensombrados pelas arvores de pomar que substituiram as brenhas.

A' enfermaria affluem os beri-bericos do Exercito e da Marinha, pertencentes á guarnição de Corumbá e á flotinha do Ladario. E os *chalets* abrigam as familias que para ahi accorrem, afim de tratarem da saude ou a passeios dominicaes.

Actualmente, Urucum apresenta o aspecto de um promissor embryão de futura cidade. Mas, é necessario, para que esta metamorphose se opere em breve, que o governo venha em auxilio da iniciativa particular, ordenando a construcção duma bôa estrada carroçavel que ligue esse logar á activa cidade de Corumbá. Uma tal estrada traria enormes beneficios não só a esse estabelecimento agricola e pastoril, como tambem ás povoações circumvisinhas, cujos lavradores luctam com grande difficuldade para transportar seus productos a Corumbá.

Além disso, este melhoramento e mais uma escola agricola que o governo fundasse neste ponto trariam as seguintes vantagens: o aproveitamento de numerosos immigrantes que chegando a Corumbá, voltam, muitas vezes, quasi em seguida, por falta de trabalho. Depois, Urucum virá a ser, por sua admiravel fertilidade, o celleiro daquelle importante porto fluvial do nosso grandioso Estado. Em summa, uma providencia dessa ordem que o governo estadoal tomasse, tornal-o-ia benemerito, e o seu nome seria sempre abençoado pela população desse municipio. E não tardaria que Urucum chegasse a ser uma grande cidade mattogrossense, sorte que o futuro proximo reserva tambem para algumas localidades prosperas do Sul, taes como Tres Lagôas, Campo Grande e Aquidauana, pois que a Urucum não faltam as condições

primordiaes para isso: salubridade e excellente agua potavel. Quanto á primeira condição, o seu clima é magnifico, não havendo nem os intensos calôres, nem os frios rigorosos, durante todo o anno. Relativamente á segunda condição, podemos comparar as aguas do arroio Urucum, que jorram do seio do morro de igual denominação, com a crystalina e purissima lympha da fonte Castalia, que deffáe do decantado monte Parnaso, na immortal Grecia. Pois, si aquella lympha inspirava o estro aos vates, as aguas do Urucum dão saude aos enfermos. Estas aguas estão sempre frias, porque desde a nascente até á fralda do outeiro donde se despenham, correm por debaixo de um bosque de frondosas e annosas arvores que formam um vasto docel, sob o qual a alma do crente, fascinada pelas bellezas da virifdente natureza, alcandora-se ás regiões constelladas, num fervido acto de adoração a Deus, o Ente Supremo, ao aceno de cuja vontade omnipotente tiveram existencia todos os sêres contingentes. Da base do morro, serpea a corrente por entre esmeraldina alfombra de gramineas rasteiras, e orlada de copadas arvores fructiferas.

Os doentes, principalmente beribericos, que aqui vêm curar-se, recuperam completamente a saude, após algumas semanas de permanencia neste logar sandavel. E, para corroborar o meu asserto, trasladO, em seguida, alguns attestados comprovativos das optimas condições hygienicas de Urucum, passados por profissionaes de incontestavel competencia. Estes documentos acham-se insertos no numero 61 do orgam da imprensa corumbaense "Opinião Publica", de 23 de agosto de 1913, de onde os extrahi. Eil-os:

ILLUSTRADO AMIGO E COLLEGA DR. BUENO DO PRADO

Levado por sentimentos de Justiça e de patriotismo que me dominaram ao ler cartas que o Dr. Armando de Calazans vos dirigiu, em que se refere ao seu luminoso Relatorio sobre o logar, denominado Urucum, perto de Corumbá, que o Governo pretende adquirir, para montar uma enfermaria ou Sanatorio de beribericos e, quiçá, para outras molestias depauperantes vou externar-vos tudo quanto sei, como medico da Armada que fui durante longos oito annos n'aquellas regiões.

A disposição em que está o Governo de adquirir o Urucum, só poderá ter sido influenciada por espiritos patrioticos, eruditos e muito observadores.

Oxalá se realize bem prompto [redacted] aquisição para o exercito, e seria, [redacted] vez, de excellente alvitre, que a [redacted] rinha do Guerra se associasse a es[redacted] patriotico tentamen entrando com [redacted] sua parte para que ficasse toda aquella maravilhosa região pertencente ás duas classes armadas do Brazil, que della não podem absolutamente dispensar.

Desde o anno de 1890, Urucum se prestou pela primeira vez a receber beribericos da Marinha, vindos da Flotilha do Ladario.

Nessa epocha, foi de tal intensidade o beriberi, recrudesceu de tal modo a endemica poly-nevrite palustre, que eu, Director da Enfermaria do Arsenal da Marinha do Ladario, levei eu mesmo, para Urucum 47 beribericos paralyticos, quasi todos em pessimo estado de saude.

E, tal era o estado geral dos doentes que, me lembro bem, durante a viagem, feita ainda pelo systema primitivo em desconfortaveis carros

de boi morreu um enfermo, o cabo Leandro.

Encurtando pormenores, tenho a declarar que, dos 46 beribericos que commigo chegaram a Urucum, todos elles ficaram curados e tornaram-se fortes e robustos, no curto espaço de seis semanas.

Que outros factos poderão ser mais incisivos, mais positivamente convincentes, do que este que venho de narrar?

Pois bem, após esta leva de gravissimos doentes beribericos, que conseguiram todos elles se restabelecer, sem fazerem uso do mais insignificante medicamento e mesmo rigorosa dietetica, muitas levas de beribericos, gravemente affectados, tiveram os mesmos e surprehendentes resultados.

Tal foi a reveloção de Urucum como região privilegiada para cura do beriberi, e de outras molestias depauperantes, que, em 1 de Março de 1892, foi elogiado pelo Ministro da Marinha daquella epocha, Almirante Custodio de Mello, « pelo zelo, dedicação e muita intelligencia que revelou com a apresentação de um relatorio sobre a necessidade e magna conveniencia da fundação de um Sanatorio para Marinha em Urucum, Matto Grosso, », etc. etc. Em 14 de Maio do mesmo anno seguia eu, em commissão encarregado de estabelecer o Sanatorio de Beribericos de Urucum.

Esta construcção não se realisou, por ter-se dado a Revolta de Matto Grosso e eu ter sido chamado ao Rio.

Entretanto, constantemente, outras e outras levas de beribericos eram admittidas a tratarem-se em Urucum, por obsequiosa condescendencia dos seus generosos proprietario. E, assim, Urucum ficou considerado, muito justamente, a região unica naquellas immediações, onde o beriberi era curado com prodigiosa facilidade, talvez pelos proveitosos motivos da composição geologica das suas terras por oxydios de manganez; — pela sua agua abundantissima e maravilhosa; — pelo seu clima delisioso secco e oriental; — por todo um conjuncto de elementos hygienicos, e anti-nosologicos, que eu procurei bem definir e analysar no meu relatorio, elogiado pelo Almirante Ministro da Marinha, em Março de 1892.

Assim pois, lendo com prazer o bem lançado Relatorio do Dr. Armando Calazans, Capitão Medico do Exercito, publicado na *Medicina Militar* de Janeiro ultimo, Relatorio esse, que por um igual movimento de observação do que é Urucum, parece que phonographou, aliás, com bastante mais erudicção e matizes litterarios, precisamente o que eu disse e o que eu penso do fantastico paraiso de Matto Grosso e está exarado no meu relatorio, não me pôde esquivar de dirigir-vos esta.

Possa a bôa fortuna do Exercito nacional e, se possivel for, a gratidão da Marinha de Guerra por Urucum, que lhe tem devolvido, sadias e robustas, centenas de praças votadas á morte pelo tetrico beriberi, n' um gosto unido, fazer a aquisição da maravilhosa região, sem attender a qualquer sacrificio de ordem pecuniaria, aliás muitas vezes já remido e sobremodo resgastado.

A aquisição de Urucum em Matto Grosso pelo exercito Nacional e pela Marinha de Guerra, para transformal-o num vasto e sublime Sanatorio, para cura de todas molestias que assolam os servidores da Patria n' aquellas ainda inhospitaes margens do Paraguay, é, a meu ver, um soberbo gesto de patriotismo, de intelligen-

primordiaes para isso: salubridade e excellente agua potavel. Quanto á primeira condição, o seu clima é magnifico, não havendo nem os intensos calôres, nem os frios rigorosos, durante todo o anno. Relativamente á segunda condição, podemos comparar as aguas do arroio Urucum, que jorram do seio do morro de igual denominação, com a crystalina e purissima lympha da fonte Castalia, que deriva do decantado monte Parnaso, na immortal Grecia. Pois, si aquella lympha inspirava o estro aos vates, as aguas do Urucum dão saude aos enfermos. Estas aguas estão sempre frias, porque desde a nascente até á fralda do outeiro donde se despenham, correm por debaixo de um bosque de frondosas e annosas arvores que formam um vasto docel, sob o qual a alma do crente, fascinada pelas bellezas da viridente natureza, alcandora-se ás regiões constelladas, num fervido acto de adoração a Deus, o Ente Supremo, ao aceno de cuja vontade omnipotente tiveram existencia todos os sêres contingentes. Da base do morro, serpea a corrente por entre esmeraldina alfombra de gramineas rasteiras, e orlada de copadas arvores fructiferas.

Os doentes, principalmente beribericos, que aqui vêm curar-se, recuperam completamente a saude, após algumas semanas de permanencia neste logar saudavel. E, para corroborar o meu asserto, trasladarei, em seguida, alguns attestados comprovativos das optimas condições hygienicas de Urucum, passados por profissionaes de incontestavel competencia. Estes documentos acham-se insertos no numero 61 do orgam da imprensa corumbaense "Opinião Publica", de 23 de agosto de 1913, de onde os extrahi. Eil-os:

ILLUSTRADO AMIGO E COLLEGA DR. BUENO DO PRADO

Levado por sentimentos de Justiça e de patriotismo que me dominaram ao ler cartas que o Dr. Armando de Calazans vos dirigiu, em que se refere no seu luminoso Relatorio sobre o logar, denominado Urucum, perto de Corumbá, que o Governo pretende adquirir, para montar uma enfermaria ou Sanatorio de beribericos e, quiçá, para outras molestias depauperantes vou externar-vos tudo quanto sei, como medico da Armada que fui durante longos oito annos n'aquellas regiões.

A disposição em que está o Governo de adquirir o Urucum, só poderá ter sido influenciada por espiritos patrioticos, eruditos e muito observadores.

Oxalá se realize bem prompto tal aquisição para o exercito, o seria, tal vez, de excellente alvitre, que a Marinha de Guerra se associasse a esse patriotico tentamen entrando com a sua parte para que ficasse toda aquella maravilhosa região pertencente ás duas classes armadas do Brazil, que della não podem absolutamente dispensar.

Desde o anno de 1890, Urucum se prestou pela primeira vez a receber beribericos da Marinha, vindos da Flotilha do Ladario.

Nessa epocha, foi de tal intensidade o beriberi, recrudesceu de tal modo a endemica poly-nevrite palustre, que eu, Director da Enfermaria do Arsenal da Marinha do Ladario, levei eu mesmo, para Urucum 47 beribericos paralyticos, quasi todos em pessimo estado de saude.

E, tal era o estado geral dos doentes que, me lembro bem, durante a viagem, feita ainda pelo systema primitivo em desconfortaveis carros

de boi morreu um enfermo, o cabo Leandro.

Encurtando pormenores, tenho a declarar que, dos 46 beribericos que commigo chegaram a Urucum, todos elles ficaram curados e tornaram-se fortes e robustos, no curto espaço de seis semanas.

Que outros factos poderão ser mais incisivos, mais positivamente convincentes, do que este que venho de narrar?

Pois bem, após esta leva de gravissimos doentes beribericos, que conseguiu em todos elles se restabelecer, sem fazerem uso de mais insignificante medicamento e mesmo rigorosa dietetica, muitas levas de beribericos, gravemente affectados, tiveram os mesmos e surprehendentes resultados.

Tal foi a revelação de Urucum como região privilegiada para cura do beriberi, e de outras molestias depauperantes, que, em 1 de Março de 1892, fui elogiado pelo Ministro da Marinha daquella epocha, Almirante Custodio de Mello, «pelo zelo, dedicação e muita intelligencia que revelou com a apresentação de um relatorio sobre a necessidade e magna conveniencia da fundação de um Sanatorio para Marinha em Urucum, Matto Grosso,», etc. etc. Em 14 de Maio do mesmo anno seguia eu, em commissão encarregado de estabelecer o Sanatorio de Beribericos de Urucum.

Esta construcção não se realisou, por ter-se dado a Revolta de Matto Grosso e eu ter sido chamado ao Rio.

Entretanto, constantemente, outras e outras levas de beribericos eram admittidas a tratarem-se em Urucum, por obsequiosa condescencia dos seus generosos proprietario. E, assim, Urucum ficou considerado, muito justamente, a região unica naquellas immediações, [illegible] beriberi era curado com prodigiosa facilidade, talvez pelos poderosos motivos da composição geologica das suas terras por oxydos de manganez: — pela sua agua abundantissima e maravilhosa: — pelo seu clima delisioso secco e [illegible] por todo um conjuncto de elementos hygienicos e anti-miasmaticos, que eu procurei bem definir e analysar no meu relatorio, elogiado pelo Almirante Ministro da Marinha, em Março de 1892.

Assim pois, tendo comprazer bem largado Relatorio do Dr. Armando Velazans, Capitão Medico do Exercito, publicado na *Medicina Militar* de Janeiro ultimo, Relatorio esse, que por um igual movimento de observação do que é Urucum, parece que phonographa, aliás, com bastante mais erudição e matizes litterarios, precisamente o que eu disse e o que eu penso do fantastico paraiso de Matto Grosso e está exarado no meu relatorio, não me pôde esquivar de dirigir-vos esta.

Possa a bôa fortuna do Exercito nacional e, se possivel for, a gratidão da Marinha de Guerra por Urucum, que lhe tem devolvido, sadias e robustas, centenas de praças votadas á morte pelo tetrico beriberi, n'um gesto unido, fazer a aquisição da maravilhosa região, sem attender a qualquer sacrificio de ordem pecuniaria, aliás muitas vezes já remido e sobremodo resgastado.

A aquisição de Urucum em Matto Grosso pelo exercito Nacional e pela Marinha de Guerra, para transformal-o num vasto e sublime Sanatorio, para cura de todas molestias que assolam os servidores da Patria n'aquellas ainda inhospitaes margens do Paraguay, é, a meu ver, um soberbo gesto de patriotismo, de intelligen-

cia e de gratidão dos que dirigem a Nação.

1. de Fevereiro de 1912.

Ribas Cadaval
Hygienista Militar.

—

Urucum, 7 de Outubro de 1912.— Exm. sr. dr. Sebastião A. Guimarães. Respeitosos cumprimentos. Tomo a liberdade de dirigir-vos esta rogando a fineza de, em continuação á mesma dar o vosso parecer sobre as vantagens e desvantagens que offerece o clima do Urucum e suas immediações, para cura de beri-beri e convalescentes.

Sem outro motivo subscrevo-me com estima e consideração. De v. ex., creado muito obrigado— (assignado) Cesar Carcano.

—

Sr. Cezar Carcano.— Com bastante prazer respondo a sua apreciada carta, desculpando-me de não o ter feito ha mais tempo, pois o muito que fazer disso me impediu.

Repito o que mais de uma vez lhe tenho dito com relação a sua aprazivel propriedade. Urucum, pela sua bella situação, pelo seu clima ameno, pela sua excellente agua, é de grande vantagem não só para cura do beri-beri como tambem para cura de todas as molestias que exigem ar puro e oxygenado. Só uma cousa lhe falta: uma bôa estrada, mas essa lacuna, espero, brevemente será preenchida.

Autorizo-o a fazer desta o uso que lhe convier.

Sem mais subscrevo-me com estima e consideração. (Assignado) Dr. S. de Alencastro Guimarães. Corumbá, 17 de Outubro de 1912.

A VISITAÇÃO

Vendo Izabel a Virgem Santa á entrada
De seu lar, em Hebron, viu n'um minuto,
Toda a gloria do ser mais impolluto
Que a terra produzira, e, arrebatada:

«Bemdita és tu entre as mulheres»—brada
Como é bemdito de teu ventre o fructo!
Mas donde vem essa honra que desfructo
De pela mãi de Deus ser visitada?!»

Estas phrases repito-as com enlevo,
Reconhecendo o tudo que vos devo
Oh! caridade altissima e infinita,

Quando nas azas da oração suspensa,
Minh'alma sente a rútila presença
Da mãi de meu Senhor que me visita!

Conde de Affonso Celso

E' QUESTÃO DE SENTIMENTO

Dizem algumas pessoas, aliás bem intencionadas, que a Religião é só questão de sentimentos e que não se pode provar.

E comtudo nada mais falso do que esta affirmação.

Prova-se evidentemente a existencia de Deus, nosso Creador; dahi se deduz immediatamente que a creatura racional deve pagar-lhe o preito de amor e gratidão, e isto precisamente é o que se chama Religião.

Notem bem este ponto essas pessoas bem intencionadas de quem falamos a principio, porque Religião só fundada no sentimento é edificio sem alicerce.

Poderá parecer muito bello, mas de um dia para o outro cil-o todo em ruinas.

OS THESOUROS DO VATICANO

Certamente: ahi estão e estarão a despeito mesmo dos anti-clericaes que gritam contra as enormes riquezas do Vaticano. Lá estão os quadros de Raphael e as obras de Miguel Angelo, que nenhum governo, por mais rico, os quisesse comprar. Lá estão as estatuas gregas e romanas encontradas nas excavações, que por si só valem um thesouro. Ali a bibliotheca que vale uma nação inteira.

Mas que quer dizer tudo isto?

Quer dizer uma simples cousa: que não ha em todo o mundo quem mais haja cultivado e favorecido tanto as artes e as obras do genio como os Papas. Quer dizer que os Papas não são tão amantes do obscurantismo como gritam os anti-clericaes: já que nenhum rei e nenhum imperador soube accumular tantas luzes de belleza e tantos esplendores de arte quanto se reune só no Vaticano!

Deixe então o *Fanfulla* de gritar contra os thesouros do Vaticano.

E' o caso de dizer com alguem: "por o sapato acima do pé."

"*La Squilla*"

A OBRA CIVILIZADORA DE D. ANTONIO MALAN

D. D. Bispo de Amiso e Prelado do Araguaya

Cada dia que passa é mais uma illusão que se esvai, cantou o poeta: tão numerozos são os casos imprevistos e as surprezas que affectam nossa vida quotidiana. Para as obras de Deus, entretanto, dá-se o contrario... Para catechèse religiosa cada dia é mais um triumpho que alcança, e vai-se engrinaldando sempre mais de loiros e victorias no nosso meio.

E nestes dias em que o abnegado—Pastor das selvas—D. Antonio Malan, aureolado pelo caracter Episcopal aportará a nossa capital para novamente em seguida continuar sua jornada civilizadora de outras e novas tribus, seja-nos permittido publicar mais um novo documento que attesta os altos meritos do novo Bispo e de seus abnegados irmãos

A região leste do nosso futuroso Estado já está transformada. Laboriosos agricultores pedem e obtêm posse daquellas terras outr'ora theatro sangrento de delictos e mortes. Não está longe o dia em que o camponio entoando suas monotonas cantigas tão cheias de saudades e de amor, sulcará com o arado os ferteis campos; e o proprio civilizado terá que aprender dos mesmos boróros os processos da agricultura racional.

Tão rapida e completa transformação constitue um attestado de alto valor moral, e deve necessariamente enaltecer perante o publico a catechese religiosa e a personalidade do Rvm. Bispo de Amiso, verdadeiro benemerito do Estado. Eis o documento:

«Cuiabá, 17 -11 -1914.

Exm. amigo e sr. D. Francisco de Aquino Corrêa.

Apresentando-lhe as minha saudações, tenho o prazer em passar ás mãos de V. Ex. o telegramma junto, que ha pouco recebi de meu conterraneo Coronel Jeronymo Coimbra.

Na concisão desse recado telegraphico, precisa aquelle meu amigo o enthusiasmo que sentiu ao visitar as colonias Salesianas "Immaculada Conceição" e "Sagrado Coração de Jesus".

E' que cada uma daquellas colonias, verdadeiros oasis no immenso deserto que se interpõe entre Cuiabá e Goyaz, não póde deixar de impressionar muito bem a todo aquelle que tiver occasião de ver e examinar a grandiosa obra da Missão Salesiana, na zona leste de Matto-Grosso.

E o Coronel Jeronymo Coimbra, está em condições de poder dar ás colonias que acaba de visitar o valor que ellas têm.

Moço ainda e filho de familia não rica, abraçou, ha quinze annos, a carreira do commercio estabelecendo-se na cidade de Rio Pardo do Estado de Goyaz.

Mourejando, desde então, com actividade e honestidade edificantes, é hoje millionario, devendo aos seus proprios esforços e criterio a abastança de que goza, e a estima de que é cercado em todos os logares por onde se estenderam as suas relações commerciaes.

Elle sabe o que é o trabalho e póde, por isso mesmo, avaliar quanta energia deve ter sido despendida para que aquellas duas creações salesianas attingissem a prosperidade em que hoje se encontram e que tanta admiração lhe despertou.

Seus conceitos emittidos no telegramma que ora envio a V. Ex., dizem muito porque partem de pessoa que tem revelado superior criterio em todos os actos de sua vida.

Com os meus protestos de estima, peço a V. Ex. dar suas ordens ao

amigo obr. e cr.

Vicente Miguel da Silva Abreu.»

Eis o telegramma que allude a carta:

«Dr. Vicente Miguel.—Cuiabá.

General Carneiro, 12—11—914.

Eu, Armante e familia, acabamos visitar colonias Immaculada e Sagrado Coração ficando sensibilizados diante grandioso espectaculo civilização indigena valorosa obra abnegados padres Salesianos. Abraço affectuoso.

Jeronymo Coimbra.»

Não nos admiramos, pois, em saber que a generosa sociedade corumbaense fez extrondosa manifestação de apreço ao Exm. e Rvm. Sr. D. Malan ao desembarcar naquelle porto de volta da culta Paulicéa, onde fôra, ha poucos mezes, consagrado Bispo.

Foi ella uma prova eloquentissima de quanto o povo merecidamente o estima, e almeja retribuir-lhe o muito que faz em pról do nosso Estado.

E igual manifestação, se não superior, ser-lhe-á feita ao pisar S. Ex. as praias da nossa capital; por quanto aqui sua operosidade constante em civilizar os silvicolas e em educar a mocidade, melhor que em qualquer outra parte é conhecida; e a sociedade sente imperioso dever de publicamente attestar-lhe a alegria que lhe vai n'alma, motivada pela alta dignidade de que foi S. Ex. investido.

Bandeiras e gallhardetes, arcos e inscripções, ornamentarão o trajecto; cantos festivos, notas maviosas echoarão pelos ares, flôres naturaes serão espalhadas pelas ruas, foguetes e discursos mostrarão o enthusiasmo do povo que numeroso dirá quanto é bella a passagem dos que annunciam a paz, pregam o bem, e alcançam triumphos porque firmam-se em Jesus Christo, pedra angular, e alicerce unico de todo progresso e verdadeira civilização.

A idade dos peixes

A idade dos peixes é um problema nada facil de resolver-se.

Pelos dentes, como nos mammiferos, a verificação não se póde fazer. Muitos peixes não têm dentes.

Pelo tamanho, ainda menos. As dimensões dos peixes andam mais em correlação com a alimentação destes do que com a idade.

Alguem pensou em contar os aneis das escamas pelos numeros de annos. Mas estes são minusculos muitas vezes para poderem ser contados, e só forneceem dados incertos.

O professor Hansen foi o unico a dar para o caso um criterio acceitavel, mas com o auxilio do microscopio.

Esse sabio icthologo allemão aconselha examinar nos ossinhos do ouvido dos peixes as camadas concentricas num osso partido.

Esses ossinhos têm a fórma a apparencia e as dimensões de pequenos cacos de porcellana. Todos os annos fórma-se nelles uma nova camada concentrica, e pelos aneis chega-se a determinar a idade dos peixes, como por processo identico se reconhece nos troncos a idade das arvores.

Em publicar esta noticia pergunta a "Folha do Povo" resta saber si todo este trabalho compensa a curiosidade de saber si temos ú meza um peixinho novo ou um veneravel ancião.

Coloração dos alimentos

E' prejudicial a coloração das substancias alimenticias, e de ha muito os hygienistas se preoccupam com essa questão.

Em geral as substancias corantes vegetaes, como o açafrão, são innocentes; porém o empregado das que se obtêm do alcatrão, da hulha, ou os derivados da anelina, encerram grande perigo.

Segundo o professor Belile, da escola superior de Pharmacia, em França, toda materia corante artificial introduzida no organismo humano mata um certo numero de celulas e os effeito são mais ou menos graves, conforme o papel que estas celulas destruidas desempenham no organismo.

P. PAULO CONSOLINI

Na qualidade de secretario de S. Ex. Rvma. o Sr. D. Antonio Malan, chegará brevemente a esta capital o Rvdo. P. Consolini, Salesiano.

E' membro da commissão organizadora do VII Congresso Internacional dos Cooperadores Salesianos, que devia realizar-se em S. Paulo no mez de outubro ultimo, e que razões imperiosas fizeram com que fosse adiado para mais tarde.

A serviço do futuro congresso o Rvdo. P. Consolini foi a Pernambuco e á Bahia e pôde em pouco tempo formar commissões para esse fim.

Apraz-nos, ainda que em resumo, transcrever o que publicou o *Diario de Noticias* de Pernambuco a proposito das conferencias do distincto sacerdote.

«Pernambuco hospeda por alguns dias um illustre salesiano, o P. Consolini. Este sacerdote é uma figura interessante de lettrado, de artista e tambem um espirito de iniciativa e combatividade forte.

Orador fluente e imaginoso, professor, conferencista, dedicado de largo tempo ao estudo da acção social, foi o P. Consolini escolhido pelos superiores para vir a Pernambuco falar aos cooperadores salesianos e preparar a representação pernambucana ao congresso do anno côrrente. Vindo a Pernambuco e dispondo apenas de dois dias conseguiu promover brilhantissima reunião presidida pelo Arcebispo D. Luiz R. da Silva Britto, realizada no sabbado, á noite, no Collegio Salesiano. Em S. Paulo as revistas têm publicado numerosas producções do illustre sacerdote.

E' tambem critico artistico e musical e neste particular tem valiosas producções, infelizmente esparsas ainda.

Sentimos não ter aqui ensejo para dizer dos dotes do P. Consolini como conferencista. Sua palestra no Collegio Salesiano de Recife é uma joia na feitura, nos conceitos e na disposição.

Os assumptos mais aridos transforma-os a imaginativa plastica, poderosa, fremente do orador poeta. E sabe orar, sabe prender. E' vivo, fluente, erudito; sabe fazer vibrar.»

Dá em seguida um resumo das ideas principaes da monumental conferencia.

O Rvdo. P. Consolini vem ao nosso Estado, como dissemos, acompanhando o Exm. D. Malan até o Araguaya. Certo é que nessa rapida excursão o eximio sacerdote terá ensejo de ver e avaliar o quanto de esforço e de sacrificio a Missão Salesiana tem feito em o nosso Estado em pról da educação da mocidade e mórmente do silvicola!

Na retina transluicida de seus olhos ficarão gravadas as impressões recebidas, e sua voz de orador, sua imaginação de poeta magistralmente norteada pelo pensar do critico enaltecerão alhures unidamente ao grandioso de nossas mattas, ao encanto de nossas campinas, á magnificencia do conjuncto, os extraordinarios meritos da catechese religiosa unico meio para civilizar o silvicola, engastando dest'arte mais uma perola na aureola immortal do grande P. Bosco, de quem o P. Consolini é digno e abnegado filho.

Seja bemvindo!

As obras sociaes caritativas da Belgica são dignas de attenção no terreno escolar

Ellas oppõem um dique ás ondas socialistas.

A liga democratica com 900,000 socios, as corporações operarias christãs com mais de 500,000 membros, os patronatos com 175,000 moços resistem victoriosamente ao socialismo.

E' incontestavel que o catholicismo na Belgica está fundado mui solidamente.

O raio de luz

ROMANCE DE

M.me REYNÉS MONLAUR

TRADUZIDO DA 69ª EDIÇÃO FRANCEZA

PELO

Dr. J. J. de Freitas Coutinho

ESPECIALMENTE PARA A REVISTA "MATTO-GROSSO"

XIII

Essas inexqueciveis alegrias foram alegrias fugitivas.

Gamaliel tinha sido sabedor, com arrogante descontentamento, da volta de Jesus. «Elle não crê em nós ou quer morrer!» repetia o grande mestre. Os hosannah da multidão, as acclamações que tinham interrompido o grande rabbi no proprio Templo, onde segundo seu habito, Gamaliel passeava sob os porticos com seus discipulos: todo esse enthusiasmo sincero, porém fragil, não lhe inspirava nenhuma confiança. Gamaliel conhecia o caracter phantastico e as mudanças bruscas do povo, desse povo das provincias sobretudo, que só por si quasi formava toda a escolta de Jesus.

Via a raiva impotente dos sacerdotes e a sua provocação ao proprio Jesus:

—Mandae que Elle se cale! Infelizmente os poucos dias que se seguiram, redobraram a anciedade do doutor judeu.

Uma segunda vez Jesus tinha expulsado do Templo os vendedores e os compradores; uma segunda vez o ouro e a prata dos cambistas tinham sido atirados pelo adro de marmore, ante a explosão da palavra vingadora: «Fizestes da Casa de meu Pae uma caverna de ladrões!»

E os sacerdotes, no paroxismo da colera, se lhe tinham aproximado com a pergunta capciosa:

—Dize-nos com que auctoridade fazes estas cousas?

Gamaliel via as nuvens se amontoarem sobre aquella fronte joven que parecia desafiar o raio. Uma esperança restava ao nobre Judeu. Condemnando os sacerdotes, Jesus creava como que forçadamente uma popularidade entre os phariseus e os doutores da lei, tão temivel era o odio entre essas potencias rivaes! Sem ter muitas illusões, Gamaliel esperava uma conciliação possivel entre Jesus e os Hassidins. Mas sua esperança logo se dissipou. Dois dias apenas depois que os açoites expulsaram como um rebanho, a turba dos avidos mercadores, Jesus, com os olhos brilhantes da mais sublime colera, da fronte irradiando os mesmos fulgurantes clarões, tinha lançado sobre os phariseus e os escribas, em face de todo o povo, anathemas fulminantes.

—E' a exhaltação do triumpho que o perde, dizia Gamaliel. Esquece toda a prudencia. Sua palavra é mais brilhante que uma vara de fogo. Sem duvida conta que o enthusiasmo do povo o protegerá contra a vingança—contra a morte! Elle diz bem: «Vim para esta hora!» Mas si elle visse essa hora bem proxima,

ignominiosa, sangrenta, inevitavel, não teria mais a mesma impassibilidade stoica. Elle se engana a si mesmo e se julga com o poder de um Deus!

Gamaliel ia e vinha na sala do festim, murmurando estas palavras, entrecortadas de grandes silencios. Era pela tarde de Paschoa. Os raios do sol poente lançavam sobre os vidros espessos, bellos raios avermelhados. Suzanna escutava anciosamente. Vestia uma tunica leve, bordada de flôres douradas: seu véo estava preso por uma triplice fileira de perolas. Era a festa das festas. E ella fiscalisava os ultimos preparativos com a perfeição que punha em tudo. Um por um já haviam sido collocados na mesa: o *aphikomon*, especie de pão sem fermento: as hervas amargas; o *charoseth*, mistura de fructos macerados no vinagre: o *chagigah*, carneiro ou cabrito, futuro donativo para o altar. Visinhos pobres e alguns amigos: José de Arimathéa, Nicodemos,— dez convivas ao todo, segundo as prescripções legaes,—tinham sido convidados.

Ao contrario da maior parte das casas judias, em que as mulheres jantavam á parte, Gamaliel sempre ordenava que, em sua casa, as refeições fossem tomadas em commum. Sua irmã não o deixava sinão nos festins dos Hassidins ou dos doutores. Naquella tarde para honrar seus hospedes, a moça poz em derredor das mesas baixas, grinaldas de anemonas vermelhas. A flôr de purpura parecia sangrar naquella hora indecisa do poente, emquanto que, na calma de sua belleza pura, Suzanna ia com passos tranquillos, tendo entre seus braços o ramalhete perfumado... No fim de alguns momentos Gamaliel proseguiu:

—E entretanto como Jesus de Nazareth estava magnifico! Que eloquencia! Como a coragem é uma cousa maravilhosa! Si tu tivesses ouvido as suas empolgantes affirmações, as quaes pareciam vir naturalmente aos seus labios: «Pagais o dizimo da hortelã, do aniz, e do cuminho e não vos importais com a bondade, a justiça e a rectidão!» Vês isso? A ironia dessas cousas infinitamente pequenas perante as cousas eternas? E isto: «Maldição sobre vós que construis sepulchros para os prophetas que vossos pais matáram e que dizeis: Si tivessemos vivido no seu tempo, não teriamos sido cumplices! Serpentes, raça de viboras! Encheis a medida de vossos pais...»

Entendes esse altivo desafio á morte?... Todas essas palavras recahiam sobre a corporação illustre á qual pertenço. E apezar de sua verdade bem real, eu deveria, bem quizera ter, contra Jesus pensamentos de colera! Pelo contrario, eu estava arrebatado de admiração ante aquella alma virgem de covardias e contemporisações, toda viva e toda ardente, lançando as reivindicações de uma verdadeira consciencia de homem na face dessas vergonhosas hypocrisias! Elle não viveu ainda bastante para aquella tolerancia dos sabios, feita sobretudo de lassidão e desdem. E' muito joven! Será mesmo muito joven?... Verdadeiramente só commigo mesmo, digo: Elle é muito grande! Toda minha alma lhe dizia: «Prosegui, Mestre, pois escreveis a mais bella pagina de nossa historia judia! Nenhum homem jamais fallou como vós. O anjo de Isaias devia ter tocado vossos labios com seu fogo!» E depois quasi que sem me conter, Lhe gritei: «Cala-te, meu filho, elles te matarão!»

Suzanna escutava, offegante, o

grande doutor que o culto da belleza exaltava; escutava em si mesma tambem, desde pela manhã, um presentimento obscuro, triste como um cantico agoureiro.

José de Arimathéa chegava naquelle momento.

—A paz seja contigo, mestre! Ao menos, nesta tarde, podes ficar sem inquietação. Jesus está em segurança com seus discipulos em minha casa. Está ali fazendo a Paschoa. Esta tarde elle me enviou Jacques e João para me pedirem somente o *Katalyma*, a sala commum: conheces sua modestia e seu afastamento de qualquer pompa. Mandei ornar o *aliçah* o mais sumptuosamente possivel—para quem faria eu assim si não para elle?—e lh'o offereci.

Suzanna, dispuzeram entre os jarros e as taças o feixe de rosas que tinhas enviado á minha mãi. Tudo está portanto bem. Estejamos socegados.

Suzanna respirou mais livremente. Ella ia ao encontro dos visinhos pobres que entravam timidamente na sumptuosa sala.

Com palavras encantadoras, fazia-os se assentarem nos logares de honra. Gamaliel os abraçou; tinha naquella tarde uma cortezia especial no cumprimento desses ritos já antigos. Muito baixinho o doutor murmurava as palavras de Jesus ouvidas ao acaso: «Mas si dérdes esmola, tudo será para vós».

Jesus era realmente o sacerdote do lar, como tambem o seu guarda. Uma magestade serena parecia elevar-se de sua divina pessôa naquelle dia de Paschoa.

A bençam das taças e a lavagem das mãos se succederam.

Já se havia partilhado as hervas selvagens molhadas no *charoseth*. Nicodemos não chegava.

Era a hora em que o mais moço membro da familia devia perguntar: «O que significam estes ritos?»

Suzanna fez a pergunta com sua voz clara. Gamaliel levantou cada iguaria diante dos convivas com as explicações usuaes.

Mostrou as hervas tão amargas como a escravidão; o aphikomon, o pão da afflicção do exilio; o charoseth, de côr rubra, lembrança da argamassa com que os Israelitas tinham construido Rhamsés e Phithom durante o longo captiveiro. E quando emfim o doutor teve em suas mãos o cordeiro paschoal, que dois gallhos de romeira mantinham como sobre uma cruz,—o cordeiro immolado para applacar a colera do céu,—Gamaliel fez-se muito grave.

Discorreu sobre essa lei suprema da expiação, sobre o resgate dos culpados pelo Justo. Explicou que aquelle mesmo cordeiro nada mais era que um emblema prophetico. Citou Isaias e as palavras significativas que esse prophéta põe nos labios do Messias: «Como um cordeiro me calei e não abri a bocca.»

Os clarões vermelhos das estreitas vidraças se apagavam em reflexos sangrentos. Gamaliel parou, os olhos meio fechados, num daquelles silencios bruscos que agora lhe eram familiares.

José de Arimathéa disse baixinho:

—O grandre Mestre está bem longe de nós!

Suzanna ajuntou:

—Mas elle está perto de Deus. Elle reza.

Após a refeição prolongada durante horas, depois de terem passado a taça de acção de graças que lhe servia de remate, Suzanna pediu permissão para se retirar. Os dois homens estavam sós, quando uma pancada furtiva na porta de entra-

da os fez estremecer. Nicodemos, pallido e desfeito, entrou correndo e se deixou cahir sobre um dos leitos baixos. Quando poude fallar, foi com uma voz abafada:

—Jesus está preso. E' conduzido pela cohorte entre Hanan e Kaiphaz. Tudo está acabado.

Um silencio mortal reinou entre os tres homens. Gamaliel interrogou:

—Querem julgal-o esta noite?

—Convocaram ás pressas a maior parte dos membros do Sanhedrim, tornou Nicodemos. Dizem que, em consideração a ti, não querem perturbar teu repouso.

—E' isso mesmo, disse amargamente Gamaliel. Hypocritas e covardes! Desconfiam de mim... Tem razão de desconfiar...

—Será que O prenderam em minha casa? exclamou José com colera. Mas minha casa é inviolavel e o asylo que lhe offereci era sagrado!

—Foi em Gethsemani, interrompeu Nicodemos torcendo as mãos. Sabem que se retirava para alli afim de rezar. Foi Judas, aquelle miseravel, que o entregou. Quiz vel-O de longe oh! que cortejo lugubre ao clarão das tochas. Jesus tão pallido ao peso dos insultos! Está pois acabado, acabado...

Uma angustia de morte mostrava-se nas feições dos rabbis.

—Deus julgou, disse emfim Gamaliel, e Deus é um justo Juiz. Não teria entregue seu Christo nas mãos dos máus. O sonho daquelle moço era por demais. E ella?...

Ide ao seu encontro e dizei-me si é possivel ainda tentar alguma cousa. Mesmo que haja unicamente uma probabilidade contra mil, assim mesmo podeis me chamar. José de Arimathéa e Nicodemos desappareceram na escuridão da noite. Gamaliel se dirigiu a passos lentos para o quarto de Suzanna. Parecia ter envelhecido dez annos. Hesitante, parou na entrada do quarto. Num rapido golpe de vista retrospectivo reportou-se ao primeiro encontro de Christo e de sua joven irmã, naquella tarde sobre o terraço, á beira do lago, onde sentira que ella tomava o seu primeiro vôo de vida pessoal, que se afastava do seu dedicado irmão. Como ella, Gamaliel, tinha então soffrido! E no entanto soffria hoje ainda mais! Revia todas as scenas daquelles ultimos annos. Lembrava-se como aquelle joven estrangeiro o havia attrahido sem que o desejasse e isso pouco a pouco, unicamente pela belleza de sua alma; e como se tinha deixado amal-o com um tal affecto!

Não se sentia com coragem de contar a Suzanna a terrivel noticia.

Escutou um momento a respiração agitada, entrecortada, daquella noite de lebre. Coitada! quantas maguas se preparavam para a terna donzella! A pequenina alma fragil se havia refugiado na alma forte de Jesus, como um passaro timido na cavidade do rochedo. Ella ia se quebrar talvez com o mesmo choque! Os olhos de Gamaliel se obscureceram. Ergueu as mãos numa supplica desesperada:

— «Senhor, eu te peço por piedade para com teu servidor, si fôr possivel, salva-O!»

Cuiabá,

(Continúa.)

Para limpar objectos nickelados

Deixam-se os objectos mergulhados, durante uma noite, em uma solução de chlorureto de zinco em agua distillada.

No dia seguinte é bastante lavar os objectos em abundante agua e por algum tempo; depois deixal-os seccar e friccional-os com uma camurça bem fina.

Chronicas do Cuyabá

(Annaes do Senado da Camara)

(Continuação)

Vendo os do congresso frustrados os seus intentos dissimularam o caso e, formando segunda maloca com muita gente do povo, occultamente sahiram desta villa, embarcaram em canôas até o Rio Grande, que subiram acima da barra do Tieté e foram tomar o rio Parnahyba, com intento de seguir viagem para Goyaz até onde pudessem ir embarcados. Faltando-lhes o mantimento e como não sabiam a altura em que estavam, falharam e fizeram roça e no anno seguinte, providos de mantimentos, seguiram a sua rota pelo rio *Acorumbá* acima até a passagem do caminho de S. Paulo para Goyaz (1), a donde deixaram as canôas e seguiram o dito caminho no mez de Agosto de 1730. Chegou no anno de 1729 a não haver nesta povoação fazenda alguma de fóra, e venderam-se camisas, de alguns lençóes que se desfaziam, a 12 oitavas de ouro; sal nem para baptisar se achava, e tudo o mais a este respeito

ANNO DE 1730.— Sahiram no mez de Junho deste anno algumas canôas para povoados, a donde iam o dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto e bastante gente com 60 arrobas de ouro do povo (1). Navegando estes

---

(1) A viagem aqui descripta dos mineiros de Cuyabá pelos rios Paraná e Parnahyba para Goyaz tornou-se logo depois muito vulgar e com ella prejudicava o fisco colonial que não tinha barreira nesse caminho veio o bando de 20 de Julho de 1733, do capitão-general conde de Sarzedas, prohibindo o transito por esse caminho e obrigando os viandantes a passarem pelo registro de Jaguary; isto é, os viandantes de Cuyabá para Goyaz deviam vir pelo rio Tieté a S. Paulo e daqui seguir por Jundiahy, Mogy-Mirim e Jaguary, ou subir pelo rio Mogy-Guassú até Mogy-Mirim e dali seguir por Jaguary para Goyaz, o que equivalia a uma volta de 200 legoas e demora de dois mezes na viagem afim de que os viandantes pagassem o impostos de transito na barreira do Jaguary. Vide pag. 51 do vol. XXII do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

A estrada antiga de S. Paulo a Goyaz partia desta capital e seguia por Jundiahy, Campinas, Mogy-Mirim, Mogy-Guassú, Matto-Secco, Casca-vel e Casa-Branca, acompanhando mais ou menos as direcções que hoje têm as estradas de ferro Ingleza, Paulista e Mogyana. Dahi para Batataes e Franca seguia em linha menos curva do que a estrada de ferro Mogyana e passava por Cajurú, deixando á esquerda S. Simão e Ribeirão Preto.

Da Franca para deante pendia muito para a esquerda e, passando por territorios do Carmo e Santa Rita do Paraizo, ia atravessar o Rio Grande cerca de 15 leguas abaixo do salto do Jaguára. Cortava o triangulo mineiro, não longe do Uberaba, e em direcção de norte, atravessava o rio Parnahyba, abaixo de Catalão e, pendendo para noroeste, atravessava o rio Corumbá em busca da capital de Goyaz.

Nos mappas modernos ainda se vê esta antiga estrada traçada até Uberaba tal como era em 1730, atravessando o Rio Grande na Ponte Alta. Com a descoberta de minas de diamantes na Bagagem e outros pontos do triangulo mineiro, a estrada mudou de direcção pelas necessidades locaes e hoje atravessa o Rio das Velhas em Santa-Anna, passa em Bagagem, corta o rio Parnahyba em Porto-Real; vae a Catalão, atravessa o rio Corumbá adeante da povoação do Palmital, serve os arraiaes de Santa-Cruz e Bomfim, atravessa as serras que devidem as aguas tributarias do Parnahyba das aguas que correm para o Araguaya e Tocantins, passa por Ouro Fino e termina a Goyaz.

(1) Vem aqui a seguinte nota, assignada por Ordonhes:

«Esta menção *sahia* a 25 de Março, como, «consta de uma carta que os camaristas escrevê-«ram ao general de S. Paulo, Antonio da Silva «Caldeira Pimentel, a 2 de Junho registrada no «livro 2.º, a fl. 9.; E na mesma carta acusavam aos «religiosos existente nestas minas de pertubado-«res e negociantes, pelo que era necessario ex-«terminal-os.—*Ordonhes*»

Nesta nota está claramente escripta a palavra *sahia* em vez de *sahiu*, o que altera muito o sentido da phrase. Si *sahiu* a 25 de Março, a data mencionada na narrativa está errada; mas si *sahia* ou *devia sahir*, podia não ter sahido nessa data, porém depois como diz o chronista. Entretanto a differença apesar de grande não preju-

as aguas do Paraguay lhes sahiu de um sangradouro uma turba de Payaguás, dando um urro tão estrondoso que atemorisou os animos de alguns e excitou o valor a outros. Pelejaram fortissimamente de parte a parte e foi tanto sangue derramado que rubricou as aguas do Paraguay, tornando-se de crystalinas a *amuoradas*. Acabou a vida de Lanhas Peixoto em marcial contenda, dando tantas mostra do seu valor que por si só deu muito que fazer aos barbaros, pois tanto obrava Lanhas como toda a mais companhia; defendia-se não só a si como a todos os mais que elle se encostava de tal sorte que sobre elle cahiu toda barbara furia, pasmada de vêr o que obrava um só homem.

Não menos se reconheceu alli o valor do cabo daquella esquadra, Ignacio Pinto Monteiro, natural de S. Paulo, que a troca de muitas vidas vendeu a sua, e de Miguel Pedroso da Silva, que perdendo no conflicto piloto e remeiros lhe rodou a canôa até o barranco do rio, onde estavam alguns dos nossos vendo a tragedia de palanque, e, refazendo-se de piloto e novos alentos, tornou a acommetter os inimigos, com tanta ousadia que fez por entre elles entrada franca, matando uns, tomando lanças á outros, e á outros finalmente emborcando as canôas, até que perdeu a vida e passou ao eterno descanço.

Continha a frota do gentio oitenta canôas com o melhor de quinhentos lugres e pelejaram das nove horas da manhã até as duas da tarde, em que acabaram quatrocentos catholicos, e dos infiés cincoenta (1), escapando dos nossos oito pessoas que por terra se haviam acostado a um reducto. Logo depois que do porto desta villa sahiu esta moção, partiu outro troço de canôas, que ia por cabo João de Araujo Cabral, em tres canôas com bastante gente, que levava ouro dos quintos de El-Rei, e mais atraz Felippe de Campos Bicudo com sua comitiva em outras tantas canôas.

Chegados uns e outros ao logar da tragedia, viram gente no barranco do rio e, examinando quem eram, acharam os que tinha escapado, de quem souberam o successo como se passou. Incorporados todos, elegeram cabo a João de Araujo Cabral para continuarem a viagem, mas temerosos de que o gentio adeante os esperasse, falharam e dali escreveram a este senado e pessoas principaes para lhes mandarem soccorro com que pudessem proseguir na jornada com segurança dos reaes quintos. Respondeu-se-lhes que não havia soccorro e que voltassem com os quintos para em outra occasião se remetterem (1).

---

dica muito a narrativa, que é bem feita e muito commovente.

1. Parecem muitos exaggerados estes numeros e infelizmente fóra de proporção as perdas dos paulistas comparadas com as dos indios. Ora, dizem os chronistas que Lanhas Peixoto trazia 100 homens brancos armados, sem contar os remeiros e alguns indios, e, sendo elle e mais companheiros Ignacio Pinto Monteiro e Miguel Pedroso tão valentes como aqui se diz, é excessivamente pequena a mortandade de 50 Payaguás comparada com a dos 100 brancos e 300 indios catholicos. Entretanto é certo que foi tremenda esta derrota dos paulistas.

(1) A respeito deste incidente diz Diogo Ordonhes, em nota seguinte:

«Do modo de dizer deste paragrapho colhem-se ao pouco zelo e cuidado dos camaristas regentes: «pelo contrario, se vê do livro 2º. de vereanças, «a fls. 58, 59 e 60, que os mesmos convocaram a «nobreza e povo logo no dia seguinte ao em que «receberam a carta do cabo João Araujo, que foi «a 11 de Julho de 1730, e com uma narração «pathetica da desgraça acontecida pediam soccor«ro e eleição de um cabo contra os Payaguás, aos «quaes por *ora* julgavam em nome de sua Magestade por escravos para se poderem comprar e «vender quando se captivassem na guerra. Todos, «em numero de 28 pessoas, assignaram approvando a resolução e nomearam o capitão-mór «Fernandes Dias Falcão para governar a expe«dição; porém fazendo-se *nova* junta no «dia 15 e comparecendo elle e pedindo 4 arrobas «de polvora e chumbo e que acompanhassem as «pessoas que davam o vôl, ficou frustrada a expe«dição por não haver polvora na terra; e deter«minaram os regentes escrever uma carta ao ca-

Emquanto os portadores vieram e voltaram, ouviam os que estavam fallhado para dentro do sangradouro, de onde havia sahido o gentio, que era detraz de uma ilha, umas vozes e brados como de gente humana e seguindo esta voz a ver de quem era e revistar o logar, não acharam gente viva que pudesse bradar, mas sim muitos corpos, uns em terra, outros no pantanal e outros pendurados em forcas, que eram o que escaparam da morte nos conflictos e tomados por prisioneiro alli lhe deu o gentio á todos a morte em forcas, á porretadas e atravessados com lanças. Alli acharam caixas quebradas, roupas espalhadas, papeis rasgados e entre tudo isto uma imagem de Santo Antonio, com a cabeça dividida do corpo, a quem attribuiam os brados para que se visse aquelle lastimoso espectaculo. Deram sepultura aos cadaveres e vendo que não tinham soccorro, voltaram uns para traz e outros seguiram a viagem por terra, em que morreram quasi todos a fome, chegando alguns a Camapuan com vida levando ás costa o ouro de El-Rei, aonde o puzeram a salvo. Tudo isto consta de uma carta de João de Araujo Cabral, que se achava registrada no livro 2 de Registro deste senado, a fls. 6, e da devassa que do caso tirou o dr. José de Burgos Villa-Lobos, que se acha no cartorio da ouvidoria desta comarca (1).

No fim deste anno chegou uma grandiosa monsão de povoado, com muitas gentes e fazendas, e nella o dr. José de Burgos Villa-Lobos por ouvidor geral; sua carta acha-se registrada no livro 2, de Registro deste senado á fls. 18 até fls. 21.

Entrou a fazer justiça com força e a pôr em arrecadação as fazendas dos defuntos e ansente; deu principio logo que chegou á obra da cadeia e casa da camara que hoje existe e logo depois ás casas que para si fez e são hoje as da aposentadoria dos ministros.

Continúa

---

to capitão João, de Araujo, determinando-lhe que mandasse entregar o ouro da Fazenda Real «a Antonio Fernandes dos Reis para este o trazer «para a villa e assentaram pedir ao general de «S. Paulo soccorro de polvora, etc.—*Ordonhes*».

Nesta nota ha uma palavra devorada por traça na phrase *aos quaes por... em nome de Sua Magestade julgaram por captivos*, a qual foi supprida pela palavra *ora* porque as lettras *o* e *r* podem ser identificada e o sentido não se altera, desde que os indios podiam ser legalmente captivados *emquanto* durasse a guerra movida por elles aos brancos.

(1) «Desta carta nada consta, pois ella se refere «a outra que nessa occasião remettia e que não «está registrada. O caso da grande destruição são «incontestaveis e constam de outros muitos do«cumentos: mas, as vezes attribuidas á cabeça «de Santo Antonio eram effeito da credulidade. «O dizer se que levaram o ouro dos quintos por «terra não consta, nem é provavel, visto que «depois daquella catastrophe se incorporaram «com João de Araujo Cabral mais de 80 canôas «com bastante gente, com as quaes seguiram «viagem, e assim dizem os camaristas em car«ta que escreveram ao general de S. Paulo a «14 de Novembro de 1730.—*Ordonhes.*»

(N. do C.

CRESCIMENTO DAS UNHAS.

Dum recente trabalho dum medico se vê que elle se preoccupou com este assumpto.

Affirma que o crescimento das unhas varia, conforme as estações do anno.

Acontece que as unhas não crescem uniformemente no mesmo individuo. Na mão direita é mais pronunciado o crescimento do que na esquerda e o indicador é mais favorecido do que o mindinho.

Na media, as unhas crescem de 8 a 10 millimetros por semana ou 4 centimetros por anno.

Um homem de 70 annos produzin 56 metros de materia cornea na extremidade de cada dedo, ou 560 metros nos dez dedos.

Os livros do mundo

O Japão é o paiz que mais livros publica.

Todos os annos são impressos cerca de 30 mil livros.

Seguem-se a Allemanha com 28,000; a França com 12:500; a Inglatera com 8.500; e America do Norte com 8,000.

Convem notar que no Japão as edições são de 500 exemplares; ao passo que na Europa alcançam até 30,000.

Parnaso mattogrossense

FÉ E SCEPTICISMO

(Trad. do hespanhol pelo P. Aquino Corrêa).

Fundo mysterio é o coração humano!
Nelle como nas cordas de uma lyra,
Canta o amor, a compaixão suspira,
O odio ruge, e estala a atroz paixão.
E' nobre e vil, magnanimo e sinistro:
Hoje se eleva a Deus enamorado,
E amanhã talvez roje no peccado!
E' anjo ou é demonio o coração!

E a consciencia é o tremendo estadio,
Onde se travam em contenda rude,
A Fé que affirma, e a Razão que illude,
O excelso espirito e a materia vil.
E é forçoso luctar! ao duro choque
Da virtude e do mal, por um athleta
Que triumpha e alcança a fadigosa meta,
Succumbem os cobardes mil a mil.

Sim! é força luctar! Eia! que aos ventos
Desfraldes a santissima bandeira,
Prega a verdade pela terra inteira,
E pugna, ó Juventude, com valor!
Ao scepticismo glacial e absurdo
Oppõe da tua crença a eterna idéa;
Teu sol de luzes para a treva ateia,
Mostra a virtude ao vicio corruptor.

Que é o homem sem fé? Estrella errante,
Ave extraviada que não acha o ninho,
Arvore secca em areal maninho,
Triste, despida e moribunda já.
Que é a alma sem Deus? E' cego espirito,
Que no cáos tenebroso da consciencia,
Desconhece a razão desta existencia,
E cruza sem saber para onde vá.

Ai! do mancebo que no seio acolhe
A descrença ou a duvida gelada!
A noite da alma, a vibora enroscada,
Que lh'o tortura com mortal pressão!

Adeus! amores candidos da infancia!
Adeus! virtude, anhelos, enthusiasmo!
Immerso em torpe somno, já o marasmo
Lhe invade o voluptuoso coração.

Que fará quando o acerbo desengano
Nas mãos lhe quebre do prazer a taça,
E apague o iris bello em que se enlaça
O sonho genial que acariciou?
Quando a dôr lhe cravar a dura garra,
Que as visceras mais intimas lacera,
E ouvir em toda parte a voz austera:
—Foi-se a ventura para ti, findou?...

Desgraçado e sem fé!.. para onde os olhos,
Triste, volver?... a quem erguer um rogo?...
Quem lhe ha de as lagrimas seccar de fogo?...
Allivio ao seu tormento onde encontrar?...
Ai! desse impio mortal que a sós defronta
Com a desgraça que lhe açoita a face!
Fragil batel em vagalhão minace,
Que póde contra o impeto do mar?

Ai! misero e infeliz!... Ei-lo impotente,
Em fera lucta com o monstro horrendo,
Seu destino sem gloria maldizendo,
Offegante, em convulso phrenesi:
—«Disseram-me que Deus é um phantasma
Forjado pelo medo... E's, pois, um mytho?
Porém, si existes, eu, com rouco grito,
Blasphemo contra ti! Sim! contra ti

Brote qual lava ardente do meu peito,
A phrenetica voz do condemnado:
Maldicto sejas tu que me has cravado,
Tyranno Sêr, ao poste atroz da dôr!
Não ha alma, nem outra doce vida?...
Maldicta sejas, pois, vida presente,
Que os braços me alargaste, sorridente,
E, cruel, burlaste logo o meu candor!

Teu gozo?... Mais que o absyntho me é amargo:
Tua gloria?... E' fumo que evapora:
Tuas flôres?... desfolham-se numa hora:
Tua paz?... é fremente vendaval.
Maldicta a arte, sim, maldicta a sciencia!
Que não calmam a febre em que me abrazo,
De um bem que anceio, e que não vivo acaso,
Ou é illusão fatidica do mal.

A amizade?... o amor?... crueis sarcasmos!...
Tive amigos... e os monstros me trahiram!...
Mostrei meu coração... e m'o feriram!
Sonhei ditas... e choro ao despertar!
A esperança?... maldicta! que me engana
Attrahindo-me assim, louco, á ventura,
Para um Eden de maga formosura,
Que se troca em deserto ao meu chegar.

Ai! Tantalo infeliz! Bem junto á fonte
Limpida e fresca estou, e nunca toca
Em minha anciosa e resequida bocca,
A onda que anhelo e que me brilha ao pé.
Porque dar-me esta vida que me enfada?
Maldicção a meus paes, que me votaram
Desde creança ao pranto, e me deixaram
De famintos abutres á mercê,

Sobre as asperas rochas deste mundo,
Qual novo Prometheu... Tumultuárias,
Vinde do monte, ó aves sanguinarias,
Da minha carne para o atroz festim!
O' nada! tu me restas, e bemdigo-te!
Meu bem unico, asylo meu supremo,
Em teu sombrio leito o somno extremo
Quero dormir da solidão sem fim!...»

Espantoso delirio! horrenda crise,
Em que a alma infeliz, a fé perdida,
Se entrega sem luctar, espavorida,
A' turba tumultuosa do soffrer!
Quando aqui chega o coração do homem,
Ou por si estala em explosão violenta,
Ou o negro Suicidio lhe apresenta
Um agudo punhal... para morrer.

Ai! de quem morre sem que tenha crido!
Ai! de quem morre sem haver amado!
Como Luzbel do céu precipitado,
Té no abysmo sem fundo rolará.
Tu não, ó Juventude! A vida é bella
Para o que espera em Deus, e a Deus adora;
Bella, si, esplendida, reluz a aurora,
Bella, si túrbido o horizonte está.

Mais bella, si o clarim da audaz peleja
Te chama a defender teu santo credo;
Teu peito ardente, varonil, sem medo,
Oh! não poude deixar de ouvil-o, não!

Ouviste-o e respondeste: e arrebatada
Da tua fé pela rajada ardente,
Contra o mundo maligno alçaste a fronte,
E o mundo a seu pezar tremeu então.

Porque ao atheu que cospe nos altares,
E ao que adora a carne, idolo immundo!
E ao sectario e ao sceptico iracundo,
A todos elles juntos—os incréus!—
Lançaste, altiva, o grito que proclama
O que adoras, de joelhos, com delirio,
O que queres amar até o martyrio:
Liberdade, Virtude, Patria, Deus!

Deus, para a alma que ao eterno aspira;
Patria, para teu peito engrandecel-a;
Virtude, para honráres-te com ella;
E liberdade para a acção e o bem.
Queres isso? Combate e terás tudo.
Animo! não desmaies um instante
A seguir esse clarim altisonante;
E' a Fé que te grita: Arma-te e vem!

Arma-te e vem! E' rispida a batalha?
Que importa! si da fronte o suor te brota,
Na fronte se condensa, gotta a gotta,
Em diamantes bellissimos de luz.
E' um colosso o mal? Sim, mas de barro!
E ao rude impulso dos teus fortes braços,
Rolará o Titan feito em pedaços,
Para mais alto se elevar a cruz.

Engrandece teu nome! que a batalha
Mais honrosa será quanto mais cruia;
Farpões de inimigo na bandeira tua,
Raios de gloria e luz sobre ella são!
Sê gigante e triumpha! a alta montanha
Escala do futuro, palmo a palmo;
Sóbe ao compasso de piedoso psalmo,
A fronte erguida e firme o coração.

Sim! grande te quer Deus, grande te admira
Lá sobre o cume audaz, meu pensamento,
Gravando o teu pendão que agita ao vento,
Verde e amarello, o seu sendal tafúl.
Que embaixo o impio em seu furor blaspheme!
Tu, ao Deus dos exercitos lá canta,
Tendo as procellas sob a tua planta,
E sobre a fronte a immensidade azul.

Padre J. Baptista Isabela, Salesiano.

ELEGIA

Morte! Morte fatal! oh! morte dura!
Deusa horrenda da triste sepultura,
Dos vivos o terror!..
Porque oh! morte, minha irmã querida,
Deste mundo levaste pr'a outra vida,
Matando-me de dôr!...

Cruel separação!.. funda ferida
Abriu-se na minh'alma dolorida
Cançada de chorar!...
Oh! minha irmã! eu choro, choro tanto.
E tenho sempre o peito immerso em pranto,
Em acerbo penar!...

Deixaste-me..! cruel fatalidade...
Irei com os teus filhos na orphandade,
Tua ausencia chorar!...
Passaredo do bosque, vem commigo,
Da minha irmã no lugubre jazigo,
Orações entôar!...

Meu lar outr'ora alegre, é ninho morto,
Mudo... sombrio... qual deserto porto
Em mesta solidão!...
De luto lacrimoso se reveste,
Nada nelle se vê que não attreste
Senão desolação!...

Oh! minha irmã! que lagrimas ardentes
Dos meus cançados olhos descontentes
Brotam em borbotões!..
Ao vêr-te resvalar na sepultura,
Da morte envolta nessa atroz tristura,
Eu sinto as afflicções

De funda dôr peior que a propria morte,
Que vem fatal, medonha, treda e forte,
Meu coração partir!...
Envolto de saudade em frio manto,
Vertendo eu passo dolorido pranto,
Que sinto me extinguir!...

Oh! viração da tarde que murmuras
Pelas densas florestas e planuras
Em doce perpassar;
Ah! vem commigo, aos pés da sepultura
Da irmã saudosa o hymno d'amargura,
Na solidão entoar!...

Aquidauana, 27 de Dezembro de 1913.

João Nunes da Cunha

Contraveneno religioso

CARTA NONA

A auctoridade e a razão

Como é natural ao homem reger-se pela auctoridade — O divino mestre — Diz-se: não posso crer sinão no que entendo — Consequencias justas da incomprehensibilidade dos mysterios — Os dois mestres — Nem Deus nem demonio.

SAUDOSO CARLOS,

(Continuação)

E nota que o deixar-se levar pela auctoridade é proprio não só do vulgo, mas das pessoas mais cultas.

Nota-o Cicero. Um proselyto, elle escreve, abraça os sentimentos de Platão, de Zenon, ou de Epicuro conforme tenha elle frequentado esta ou aquella eschola, e antes de estar apto a julgar dos systemas, elle já tornou-se academico estoico ou epicureo.

O mesmo dá-se hoje em dia.

Porque muitos filiam-se a uma eschola philosophica, legal, ou litteraria antes que á outra?

Amiudadas vezes o que os determina é o acaso, a moda, a nomeada que favorece um homem por entre os outros.

Esse homem chamar-se-á Darwin, ou Carducci, ou Lombroro, e eis que atraz d'elle vai uma pleiade de transformistas, ou de poetas *barbaros*, ou de criminalistas que em cada malfeitor e em cada genio só enchergam loucos.

Haja vistas aos protestantes. Subtrairam-se á auctoridade da egreja: com isto sacudiram, acaso, qualquer juizo de auctoridade?

Certamente que não: fizeram como o jumento que trocando dono conserva sempre a cangalha.

Não acreditam mais no Romano Pontifice, no entanto acreditam em Luthero, em Calvino, em Henrique IV.

Despreziveł troca! E os incréos? Geralmente são elles que mais creem.

Não somente, como nós, acreditam no amigo, no servo, no pharmaceutico, no cosinheiro (e ahi d'elle, si n'este não acreditassem) mas ainda na opinião popular, no jornalista, no charlatão, com quanto se trate de cousas que lhes agradem.

E aquellas opiniões impias de que se ufanam, julgas tu que nasceram expontaneas nos seus cerebros!? A maioria tomou-as de alguem mais afamado. São carneiros, diria Dante, e nada mais. Quantos, de ha poucos annos, chamam-se de Brunistas, sem ter lido nem siquer uma syllaba de Giordano Bruno, e sem terem d'antes ouvido o mesmo nome.

Deu-se facto identico em 48 do seculo passado, quando estava em voga o *Jesuita Moderno* de Gioberti, ouvira-se algum demagogo bradar nas praças: *Viva a Bulla de Ganganelli!* e a manada de carneiros que os rodeava balia: *Viva a mulher de Ganganelli.*

Tão levado está o homem a deixar-se levar pela auctoridade.

***

Não nos diga, pois, o racionalista que elle regeita o christianismo porque este quer-nos levar pela vereda da auctoridade; pense antes em provar-nos que a auctoridade que este invoca não merece estimação.

Poderá, acaso, n'isto sahir-se bem? Carlos, tu conheces qual é o processo que tem a nossa Religião. Ella nos ensina, unidamente a historia, que o mundo jazia sepultado em um mar de trevas e de ignorancia acerca das verdades mais importantes.

Havia, é verdade, o clarão da razão natural, mas desprendia uma luz languida e fraca, semelhante a um pequeno lume, em uma vastissima extensão.

Todos sentiam a necessidade extrema que viesse um extraordinario mestre para aclarear as densas trevas; os povos o attendiam com anciedade, invocaram-O os philosophos, os poetas anticipadamente cantavam-lhe louvores, e tu não podes ter esquecido a Egloga IV de Virgilios com aquelles bellos versos:

Iam nova progenies demittitur alto, etc. Ora, pois, eis que chegado a plenitude dos tempos, Deus manda o enviado especial, para trazer á terra a luz e fundar o reino da verdade e do amor; e este Enviado foi o mesmo seu Filho consubstancial ao Pae.

Desde então em vez do pequeno lume que espancavam debilmente as trevas, tivemos uma magnifica lampada electrica, antes um sol.

Populus qui ambulabat in tenebris, vidit lucem magnam: habitantibus in regione umbrae mortis lux orta est eis (Is.9. 2.) E este Enviado divino como provou Elle sua missão? Provou-a pelos milagres que operou: pelos milagres de seus seguazes, pelas propheçias do mundo antigo que n' Elle se verificaram, por aquellas que Elle proprio fez, e que se verificam no mundo moderno, pela Egreja que fundou, e que se espalhou por entre mil obstaculos, e que de ha seculos existe e desafia o poder das trevas que debalde conspira contra ella.

E' possivel imaginar uma auctoridade mais legitima e incontestavel?

E' possivel negar-lhe razoavelmente uma submissão absoluta e incondicional? Dirás: Mas é admissivel que um Deus falle aos homens?

E porque não? Seria extranho que tendo nos dado a palavra, não pudesse Elle mesmo fallar comnosco. «Sei perfeitamente que nos tempos modernos pretenderam não convivesse á dignidade de Deus fallar. Inventou se um Deus mudo, um Deus surdo, um Deus orgulhoso, um Deus que rodeia-se pelo silencio absoluto. Mas esta especie de Deus, sabeis vós que Deus é?

E' o Deus de certos homens, os quaes tambem elles são por demais altivos de fallarem a Deus, e nunca O invocam, porque não convêm á dignidade d'elles por-se de joelho. Esse Deus nunca será o Deus da familia humana. (Bougaud, *o Christianismo cet. v.III. cap. 9).*

***

Está tudo muito bem: mas a razão não comprehende os mysterios: ora, como crer naquillo que não se entende? Respondo:

Si não estamos certos da auctoridade de quem ensina, então *sim*, é licito duvidar do que não se entende. Mas quando a auctoridade é indubitavel, que importa se não si entende? Não é assim (como já disse ha pouco) que nos confiamos nos medicos, nos

pilotos, nos astronomos: isto é baseados na auctoridade dos mesmos?

Como crêr no que não se entende?

Mas si quizeres crêr sómente no que comprehendes inteiramente, em nada acreditarás, pois nas cousas mais usuaes a cada instante deparamos o mysterio.

Comprehendes tu a *luz*? Comprehendes o *calor* o *vento*, o *somno*?

Comprehendes a palavra? Os melhores philosophos reconhecem a impossibilidade que os homens inventassem a lingua.

De quem pois aprehenderam-n'a?

Dos seres mudos que estavam-lhes a redor? Certamente que não: e eis-nos na necessidade de admittirmos ter estado o homem em communicação com um ente superior, do qual recebeu a palavra; eis-nos fóra do ordinario e dentro do inconprehensivel.

«Tendes nunca meditado a *vida?* (pergunta o Balmes.) Comprehendeu algum philosopho em que consista esta magica força, que vae por caminhos desconhecidos que opera por meios inconprehensiveis, que agita, que embelleza que produz prazeres dulcissimos, e proporciona tormentos intensos; que age em nós e fóra de nós; que não se encontra quando se procura, e apparece quando n'ella não se pensa; que propaga-se atraves da corrupção, e aviventa-se ou apaga-se de continuo em innumeraveis seres; que agita-se qual chamma imperceptivel nas regiões do ar na superficie e nas entranhas da terra, na corrente dos rios, na superficie e profundidade do oceano? Não ha ahi um mysterio? Quanto nos rodeia e quanto existe, tudo quanto vemos e o que somos, é talvez outra cousa ou antes um cumulo de mysteriosos? (Balmes, carta XXV.)

Ora se nós não comprehendemos a natureza quereriamos comprehender o Creador? Não alcansamos o finito, e pretendemos desvendar o infinito?

Logo a incomprehensibilidade dos mysterios não é razão para regeital-os.

(Continúa).

Horario dos viajantes para o Paraiso

Partida.—A todo o instante.

Chegada.—Quando Deus for servido.

Preço das passagens

1.ª Classe.— Innocencia ou martyrio.

2.ª Classe.— Penitencia e confiança em Deus.

3ª. Classe.— Arrependimento e resignação.

Avisos

a) Não ha bilhetes de ida e volta.

b) Não ha *pic-nic* nem outro passatempo.

c) As creanças são transportadas *gratis*, collocadas sobre os joelhos de sua carinhosa mãe a egreja catholica.

d) Não é permittido conduzir-se outras bagagens, sinão as bóas obras, para não se que perca o trem ou não ficar encalhado na penultima estação: o purgatorio.

e) Não ha estações intermediarias antes da penultima.

Quantos catholicos ha no mundo

O manual ecclesiastico nos fornece a seguinte estatistica:

Europa	188:577,000
America	87:615.000
Asia	12.661.000
Africa	2:690,000
Oceania	1:244.000

Em todo mundo, ha pois, 292.787,000 catholicos. A egreja catholica é a maior de todas as communidades religiosas. Os dados acima dão quasi 300 milhões de catholicos.

Abaixo vem o protestantismo com 186,055,000, o budhismo e o mahometismo com 200:000 de adeptos.

AS FLORES MELOMANAS

Está verificado que as flôres manifestam as suas preferencias musicaes, desabrochando á audição de certas melodias.

Esse phenomeno foi descoberto por um sabio de Munich.

Os botões de rosa abrem-se ao som das velhas canções de folk.

As petunias apreciam as fanfaras de Lohengrin.

As timidas violetas balançam-se suavemente ás delicadas melodias dos compositores modernos.

E os lyrios indignados, encolhem-se quando ouvem os impudicos tangos que estão fazendo furor na epoca actual.

UMA AVENTURA NAS INDIAS

Sentamo-nos uma tarde, assim contava um viajante, em casa de um nosso amigo, o doutor M., em uma sala de caramanchão grande e arejada e nos divertiamos jogando cartas. Nossos creados—é sabido que nas Indias cada um leva o seu creado quando visita um seu amigo —emquanto nós com seus grandes e pequenos abanadores os mosquitos para longe de nós e impelliam ar fresco sobre as nossas cabeças, emquanto os creados da casa nos serviam de limonada gelada e outros refrescos. Nosso hospede nos entretinha com interessantes narrativas de guerra e de caçadas, quando de repente a côr de seu rosto se mudou e elle cessou de jogar e de falar.

—Jogai, doutor disse-lhe o capitão sentado em frente.—Estaes tão pallido, que tendes?—Silencio, respondeu M., em um tom de voz que nos estremeceu,emquanto elle cada vez ficava mais pallido.—Estaes indisposto, disse-lhe um outro fazendo menção de se levantar para ir em seu soccorro.

—Por amor de Deus,—replicou M. deixando cahir as cartas e em voz sumida e tremula,— não vos movais, si quereis salvar a minha vida!—Que quer elle dizer! Perdeu acaso a razão? perguntou o capitão olhando-me interlocado.—Não vos levanteis, não vos agiteis! repetiu M. com um sorriso sardonico—si fizerdes qualquer movimento intempestivo, sou um homem morto. Encaramo-nos admirados.

—Conservai-vos quietos—proseguiu que tudo póde ainda acabar bem: uma cobra capello se enroscou na minha coxa.

Sob a primeira impressão que essas palavras nos causaram, estivemos a ponto de abandonar as nossas cadeiras: mas um olhar supplice da victima nos chumbou ao logar, comquanto o perigo que a todos ameaçava fosse por demais patente. Em cada nova volta que fizesse, podia o monstro se esgueirar do nosso amigo para qualquer de nós. A quem tocasse esse fado, podia se considerar morto, tão perigoso e rapido é o veneno dessa cobra.

O doutor M. sentára-se vestido, como a maior parte dos inglezes nas Indias, vestido de largas e tenues calças e meias de seda, e sentia por isso cada vez mais penoso e constrictivo cada movimento progressivo da cobra. Sua physionomia apresentava uma cor amarello-escura e elle estava rijo como uma estatua, porque se sabe que qualquer contracção muscular póde provocar a picada da cobra e por isso seus labios e olhares estavam hirtos e mudos.

Assim ficamos nessa horrorosa angustia minutos que pareciam horas.

—Agora ella está se enroscando mais para cima.—interrompeu M. o silencio da morte, com voz fraca e tremula—sinto-a humida e fria no meu quadril. Por amor de tudo quanto vos é sagrado, mandai vir leite. Não posso fallar alto. Mandai derramar leite perto de mim e ir derramando pelo chão até certa distancia.—Eu dei logo ordem e o meu creado sahiu cautelosamente. —Ficai quieto, capitão; estaes movendo a cabeça: por tudo que vos é caro, peço-vos não façais assim. Não durará muito que a minha sorte esteja decidida. Tenho mulher e dous filhos na Europa. Dizei-lhes que eu morro abençoando-os, que

a minha ultima prece foi por ellos. A cobra está subindo mais alto- - deixo-lhes tudo o que possúo- -ella está subindo, sinto já o seu halito asqueroso—grande Deus, morrer desta maneira!

O meu creado indú trouxe o leite e esgueirando-se sorrateiro pelo chão como si fosse reptil, derramou-o no logar determinado e foi derramando-o até certa distancia. Logo que se deu isso, M. continuou: Não, não, não produziu resultado, pelo contrario ella está apertando mais, agora desprende a ultima volta, a da cabeça. Não ouso espiar, porem estou certo que se projecta para traz afim de me dar o golpe de morte. Recebei-me, Senhor, e perdoai os peccados.

Minha ultima hora chegou; tenho firmeza, mas isso sobrepuja o que supportar se póde! Ah! não ella desprende o segundo nó e se liberta. Ira? para algum outro—Instintivamente nos movemos para traz.

—Por amor de Deus, não vos mexais, si levantardes, eu morro. Firmes como eu! Ella está se desprendendo ainda mais, está descendo para o chão. Não vos movais, mais cuidado comvosco! Capitão, ella vae para o vosso lado! Oh! essa angustia é tão horrorosa! Uma outra impressão e eu estou morto, Não, ella se desprende por completo, Nesse tragico momento todos os olhares estavam presos ao chão, a cobra dirigia se para o leite com a cabeça levantada e enorme.

—Estou salvo! salvo! gritou M. dando um salto e cahiu sem sentido nos braços do seu creado. Em um momento nos dispersamos e nos armamos de páus e cadeiras.

A cobra capello em pouco jazia morta, e o nosso pobre amigo foi levado mais morto que vivo para o seu quarto. Nós outros tambem ficamos extenuados bastante pela angustia soffrida e em mim levou tempo a se apagar algo da impressão daquelle horroroso momento.

Traduzido do allemão pelo

Dr Henrique de Araujo

Quantos medicos ha na Europa?

Uma nota pavorosa diz que na Europa ha 160,000 medicos.

A Allemanha, com 52 milhão de habitantes, tem 22,000 medicos; a Inglaterra, com 37 milhões tem 28,000 medicos; a Austria, com 45 milhões tem 19,400; a Belgica, com 6,500,000, tem 3,800; a Bulgaria, com 3,330,000, tem 156; a Dinamarca, com 2,300,000, tem 809; a Hespanha com 18 milhões, tem 13,700; a França, com 38 milhões, tem 19,800; a Grecia, com 2,500,000 tem 90; a Hollanda, com 5,100,000, tem 1,970; a Italia, com..., 35,200,000; 18,240; a Noruega, com 2,240,000 tem 1,080; Portugal, com 5 milhões, tem 1,500; a Romania, com 6,250,000 tem 1,060 medicos; a Russia, com 105 milhões, tem 21,400; a Suecia, com..... 5,200,000, tem 1,350; emfim a Suecia, com ..... 6,300,300, tem 1,720.

Dos 160,000 medicos, residentes na Europa, mais de tres quartos se accumulam nas capitaes.

A musica e a orelha

Conhece-se o musico, diz o dr. Kinim de Washington, pela orelha.

Todo o musico, diz elle: tem orelha differente das dos outros individuos.

O pavilhão da orelha d'um musico é largo, profundo e retangular.

Ricardo Wagner tinha uma orelha typica, com os contornos mais ou menos pronunciados e o dr. Kinim encontrou-os em Haus, Verdi, Mascagni, Listz' D' Arbert eMozart.

Em contraposição a essa orelha musical é a orelha bem direita. A perfeição é, n'este particular, um defeito e uma inferioridade.

A orelha typica d'essa casta é a orelha do general Grant.

Diz-me, pois, que orelha tens e eu dir-te-hei quem és.

Novo parasita

O Dr. Stiles descobriu um novo parasita do homem, o necator americanus ao qual attribue a indolencia da população branca que vive no sul dos Estados Unidos.

Este parasita é um verme de dois centimetros de comprimento que se introduz no intestino humano, servindo-lhe de vehiculo a agua e os alimento.

Calcula-se em cerca de dois milhões as victimas d'esse parasita, que introduzindo nos intestinos ali prolifera rapidamente, lacerando a membrana mucosa das viceras e sugando o sangue.

Esta anemia parasitaria é uma praga para o Brasil que reclama a hygiene e a instrucção como meios de fazerem desapparecer estas populações sem sangue, claramente improprias para o progresso e desenvolvimento de nossa grade patria.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officios

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso. Director Padre Dr. F. de Aquino Corrêa e Secretario Sylvio Milanese

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235m 02, LATITUDE 15º 35' 49" LONGITUDE: 12º 50' 7" (O-e, do Rio)

N. de Observações por dia ás 6.44 a. m. á 1.41 e 3.44 p. m. hora local

TABELLA 1

Outubro 1914	PRESS. BAROMETRIA reduzida á 0º 700				EXTREMOS da temperat. 8.14 p.		TH. TERMOMETRO seco				TH. TERMOMETRO humido			
	6.44 a.	1.41 p.	3.44 p.	Med.	Max.	Min.	7 a.	1 p.	7 p.	Med.	7 a.	1 p.	7 p.	Med.
1	44.5	43.3	43 5	43 8	34.3	26.8	26.9	33.1	30.6	30.2	24.3	24.1	24.7	24.4
2	44.1	42.5	42.6	43.1	35.1	27.8	26.5	34.9	30.0	30.5	23.1	23.7	24.1	23.6
3	43.5	41.0	42.5	42.3	35.7	27.0	26.5	35.7	31.4	31.3	23.2	24.3	25.0	23.8
4	44.9	43.5	46 2	44.9	33.9	27.8	28.0	33 4	28.4	29.9	23 0	24.6	23.4	23 7
5	50.4	48 5	48.5	49.1	28.7	24.0	21.3	27.0	25.6	25.6	22 0	22.5	22 7	22 4
6	48.6	45.9	45 8	46 8	29.6	22.6	22.9	28.4	27.4	26 2	20.5	23.6	24.5	22.9
7	45.7	43.1	43.5	44.1	32 4	25.1	25.2	31.5	29.1	28.6	23 0	25.0	25.9	24.6
8	44.8	43 4	43.1	43.8	33.6	26.9	27.1	33 4	26.9	30.0	22.4	25.8	25 5	24.5
9	45.6	44.7	45.0	45 1	33.4	27.5	27.6	33.1	30 0	30 2	24 0	25.1	25 0	24 7
10	48.6	45 0	46.4	46 7	31.5	25.1	25.5	30.6	28 6	28.2	22.0	24.0	24 1	23 4
D. 1.ª	46.6	44.0	44.7	44.9	32.8	26.0	26.0	32.1	29.0	29.0	22.7	24.2	24 5	23.7
11	46.9	44.7	44.6	45.4	33.0	26.0	26.4	32.3	30.2	29.6	23.0	23.9	23 0	23.3
12	45.3	43.4	43.6	44 1	34.3	24.6	25.9	33.7	29.2	29.6	21.0	21.2	22 5	21.6
13	45.1	42.6	43.1	43.6	35.6	25.8	26.5	34.8	30 4	30.6	21.5	22 4	23.4	22.4
14	46.9	44.3	44.3	44.9	34.7	28.5	29.0	34.0	31.0	31.3	23.4	25.2	23.4	24.0
15	45.8	44 0	45.4	45.1	34.8	28.1	28.8	34.0	30.1	31 0	24.3	24.8	23.7	24.3
16	46.6	44.8	46.6	46.0	36.1	27.6	28.4	35.7	29.8	31.3	23 9	23.9	24 8	24.2
17	47 2	44.1	45.0	45 4	33.7	24.6	27.0	31.3	30.0	30.1	23 6	24 5	24.5	24.1
18	45.1	42.7	44.1	44.0	33.9	26.7	27.9	33.5	27.9	29.8	23 2	24.2	25.0	24.1
19	44.8	42.7	44.7	44.1	30.9	26.4	27.0	29.6	27.0	27.9	24.4	23.0	23 5	23.6
20	44.5	42.1	44.3	43.6	32 6	24.7	25.7	30.1	26.2	27 3	21 9	23 3	23.8	23.0
D. 2.ª	45.7	43.5	44.5	44.6	33.9	26.5	27.2	34.1	29.1	29.8	23.0	23.6	23.7	23.4
21	44.4	44.1	45.7	44.7	29.9	25.1	25.5	30.0	27.4	27.3	23.6	25.0	23.2	23.9
22	45.2	44.1	46.4	45.2	30.1	24.0	24.6	28.9	25.3	26.3	23.1	24.5	23.4	23.7
23	46.2	44.9	44.9	45.3	29.4	24.5	24.8	27.5	26.5	26.3	23.4	24.0	23.8	23.7
24	45.8	44.8	46.2	45.6	28.1	24.7	24.7	27.0	25.0	25.6	23.0	23.6	22.2	22.9
25	48.5	47.5	49.1	48.4	25.4	20.9	20.9	22.6	21.7	21.7	18.4	19.4	19.7	19.2
26	50.3	48.9	49.1	49.4	24.3	19.2	19.5	23.2	22.4	21.7	16.8	18.3	19.5	18.9
27	49.9	47.2	47.0	48.0	27.4	18.5	19.1	26.0	23.6	23.9	15.3	18.0	19.5	17.6
28	46.9	44.3	44.6	45.3	31.3	20.6	21.8	28.5	26.5	25.6	18.0	21.0	21.7	20.2
29	44.7	42.4	43.7	43.6	34.1	24.1	25.0	33.3	28.7	28.9	21.1	23.4	23.6	22.8
30	44.4	42.9	43.8	43.7	32.2	25.6	26.0	31.0	29.1	28.7	22.2	23.4	23.4	23.0
31	44.2	41.3	42.3	42.6	32.2	26.2	26.8	31.5	28.3	28.9	22.2	23.6	23.4	23.1
D. 3.ª	26.4	44 8	45.7	45.6	29.3	23.0	23.5	28.0	27.6	26.4	20.7	22.2	22.1	21.6
Mez	46.0	44 1	45 0	45 0	32.1	25.2	25.6	31.2	28 6	28.4	22.1	23 3	23.4	22.9

Observatorio meteorologico "H. Rosco" — Cuiaba

TABELLA II

Outubro 1914	HUMID. ABSOLUTA (tensão do vapor) 9.44 a. m.	1.44	3.44	8.44	Med.	HUMID. RELAT. (grão hygromet.) 9.44 a. m.	1.44	3.44	Media	NEBULOSIDADE qualidade—quantidade. (0 a 10) 9.44 a. m.		1.44 p. m.		8.44 p. m.		Media
1	21.0	16.8	19.5	19.1	80	44	60	61.3	S	10	Kn	7	C	1	6.0
2	18.9	14.9	18.7	17.5	73	35	60	56.0	C	1	S	3	C	2	2.0
3	19.1	15.6	17.6	17.4	74	35	52	53.7	—	0	Kn	6	S	9	5.0
4	17.8	17.7	18.3	17.9	63	45	63	57.0	KS	8	K	6	S	10	8.0
5	18.2	17.5	18.7	18.1	81	66	77	74.7	N	10	Ks	10	—	0	6.7
6	16.5	18.7	21.1	18.8	79	65	78	74.0	—	0	—	0	—	0	0.0
7	19.5	19.5	22.8	20.6	82	57	76	71.7	SK	2	—	0	—	0	0.7
8	16.7	20.0	21.3	19.3	65	52	69	62.0	S	10	SK	10	SK	6	8.7
9	20.0	18.7	20.5	17.9	73	50	65	62.7	S	9	SK	8	—	0	5.7
10	17.5	18.1	19.5	18.4	72	55	67	64.7	Kn	10	S	6	K	2	6.0
D. 1ª	18.5	17.7	19.8	18.5	74.2	50.4	66.7	63.7	—	6.0	—	5.6	—	3.0	4.8
11	18.8	16.9	16.5	17.4	73	46	52	57.0	Cs	1	K	3	—	0	1.3
12	15.5	11.1	16.1	14.2	63	28	54	48.3	S	2	S	2	—	0	1.3
13	16.0	12.5	17.1	15.2	62	30	53	48.3	—	0	—	0	—	0	0.0
14	18.0	18.4	16.7	17.7	60	46	50	52.0	—	0	K	4	S	2	2.0
15	19.8	17.6	17.9	18.4	67	44	56	55.7	S	10	Kn	7	Kn	7	8.0
16	19.3	14.8	20.0	18.1	67	33	64	54.7	S	7	Kn	6	«	7	6.7
17	19.2	17.3	19.5	18.7	72	45	62	59.7	Sc	5	SK	7	Kn	9	7.0
18	18.1	16.7	21.6	18.8	66	44	78	62.7	Ks	9	Kn	10	N	8	9.0
19	21.1	16.8	19.4	19.1	80	55	73	69.3	N	10	N	10	N	9	9.7
20	17.3	17.1	20.5	18.3	69	54	80	67.7	Kn	10	Kn	7	KN	10	9.0
D. 2ª	17.3	15.9	18.5	17.2	67.9	42.5	62.2	57.5	—	5.4	—	5.6	—	5.2	5.4
21	20.5	21.1	18.6	20.1	84	71	68	74.3	N	10	C-Kn	9	N	10	9.7
22	20.6	20.2	20.2	20.3	88	68	84	80.0	N	10	KS	9	Kn	10	9.7
23	21.5	20.0	20.3	20.6	88	74	79	80.3	N	10	Kn	9	K	6	8.3
24	19.8	19.6	18.2	19.2	86	73	77	78.7	N	10	Kn	10	K	10	10.0
25	14.2	14.8	15.8	14.9	77	72	82	77.0	Kn	10	Kn	10	Kn	10	10.0
26	12.6	12.7	15.1	13.5	74	60	75	69.7	Kn	10	Kn	10	—	0	6.7
27	10.6	10.5	14.3	11.8	64	42	66	57.3	—	0	—	0	—	0	0.0
28	13.9	13.9	16.4	14.4	67	49	63	59.7	—	0	—	0	—	0	0.0
29	16.8	15.3	18.6	16.9	71	40	64	58.3	S	1	K	5	K	9	5.0
30	17.6	16.7	18.4	17.6	70	50	60	60.0	S	1	Kn	7	S	8	5.3
31	17.1	16.8	18.4	17.4	65	49	64	59.3	S	8	Kn	7	S	10	8.3
D. 3ª	16.8	16.5	17.6	16.9	75.8	59.9	71.0	68.9	—	6.3	—	6.4	—	6.6	6.6
Mez	17.5	16.7	18.6	17.5	72.6	50.9	66.6	63.4	—	5.9	—	5.9	—	4.9	5.6

Observatorio meteorologico "D. Bosco" — Cuiabá

TABELLA III

Outubro 1914	VENTOS Direcção—Força—Velocidade metros por segundo às 6.44 a.										CHUVA às 6.44 a.		EVAPORAÇÃO às 6.44 p. m.	HORAS de Insolação
	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Velc. media 24 hs	Alt.	Dur.		
1	NW	1	1.0	N	1	1.3	E	1	1.0	0.579	—	—	3.7	4.7
2	C	0	0.0	NW	2	2.2	C	0	0.3	.218	—	—	4.3	9.2
3	C	0	0.0	N	1	1.2	N	1	1.4	.378	—	—	5.3	7.7
4	N	1	1.2	SE	1	1.3	S	3	4.3	.716	—	3.22	6.1	3.9
5	SW	1	1.2	S	1	1.9	C	0	0.0	.565	23.5	—	4.9	0.0
6	«	1	1.2	SW	1	1.8	C	0	0.0	.649	—	—	3.2	5.6
7	C	0	0.0	«	1	1.4	C	0	0.0	.293	—	—	2.6	4.7
8	N	1	1.6	N	3	4.0	N	1	1.4	.197	—	—	3.2	0.0
9	N	1	1.9	N	1	1.8	N	1	1.4	.766	—	—	4.7	4.2
10	S	2	3.3	NW	1	1.0	C	0	0.0	.806	—	—	4.8	5.4
D. 1ª	—	0.8	1.1	—	1.3	1.7	—	0.7	0.9	0.487	23.5	3.22	42.8	45.4
11	SW	1	1.0	NW	1	1.0	C	0	0.0	0.186	—	—	3.9	9.7
12	C	0	0.0	NW	1	1.4	C	0	0.0	.253	—	—	4.8	9.0
13	N	1	1.4	N	1	1.7	C	0	0.0	.208	—	—	6.1	9.3
14	N	1	1.6	N	2	2.1	N	2	2.5	.513	—	—	6.3	8.8
15	N	1	1.9	NW	2	3.0	N	1	1.9	1.090	—	—	6.5	6.8
16	C	0	0.0	«	1	1.8	N	1	1.3	0.884	—	0.15	6.1	8.0
17	C	0	0.0	S	1	1.3	«	1	1.9	.436	7.1	—	4.5	7.0
18	N	1	1.2	NW	1	1.4	C	0	0.0	.365	—	0.30	4.9	2.0
19	C	0	0.0	N	2	2.1	SE	1	1.6	.510	2.3	—	4.3	2.0
20	C	0	0.0	N	1	1.6	N	2	2.1	.672	—	3.28	3.5	3.5
D. 2ª	—	0.5	0.7	—	1.3	1.7	—	0.8	1.1	0.495	9.6	4.13	50.9	66.1
21	C	0	0.0	C	0	0.0	N	5	9.4	0.727	11.3	6.22	3.1	0.4
22	C	0	0.0	SE	1	1.4	N	2	2.1	.311	13.4	9.40	1.6	0.9
23	E	1	1.0	SE	1	1.6	C	0	0.0	.658	9.2	0.50	2.0	1.9
24	SW	1	1.7	S	1	1.5	S	1	1.8	.073	0.2	—	1.9	0.8
25	S	2	2.2	S	2	2.1	S	4	7.5	.841	0.0	—	2.5	0.0
26	SW	2	2.1	S	1	1.6	SE	1	1.3	.982	0.2	—	2.6	0.6
27	S	2	2.0	S	1	1.3	NE	1	1.3	.369	—	—	2.7	11.0
28	C	0	0.0	W	1	1.0	C	0	0.0	.571	—	—	4.1	11.0
29	N	1	1.5	N	2	2.1	N	1	1.0	.240	—	—	3.8	7.6
30	«	1	1.3	«	1	1.7	N	1	1.8	.563	—	—	4.7	6.0
31	C	0	0.0	NW	2	3.2	N	2	2.1	.890	—	—	5.9	5.2
D. 3ª	—	0.9	1.0	—	1.4	1.5	—	1.6	3.5	0.567	34.3	16.52	33.9	44.8
Mez	—	0.7	0.9	—	1.2	1.6	—	1.0	1.5	0.496	67.4	23.87	127.6	156.3

Observatorio meteorologico "D. Bosco" — Cuyabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Outubro

Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Sommas
N	9	10	13	32
NE	0	0	1	1
E	1	0	1	2
SE	0	3	2	5
S	3	6	3	12
SW	5	2	0	7
W	0	1	0	1
NW	1	8	0	9
Calma	12	1	11	24
Somma	31	31	31	93

Clasificação das nuvens observadas durante o mez

qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Sommas
C	1	0	2	3
C.S	2	0	0	2
C.K	0	0	0	0
A.C	0	0	0	0
A.S	0	0	0	0
SK	3	5	1	9
K	0	4	4	8
N	6	1	3	10
K.N	4	13	6	23
S	9	3	5	17
Claros	6	5	10	21

Nº de dias de:	
Chuvas	8
Trovoadas	8
Relampagos	10
Tempestade	0
Arco-iris	0
Orvalho	4
Nevoeiros	6
Halo lunar	0
Coroa lunar	0
Paraselenicos lunares	0

Pressão media mensal	745.0
« Extrema maxima dia 5	750.4
« « Minima dia 3	741.0
Temperatura mensal ao abrigo	32.1
Extrema Maxima dia 16	36.1
« Minima dia 27	18.5
Tensão mensal do vapor da agua	17.5
Maxima tensão — dia 7	22.8
Minima « — dia 27	10.5
Humidade relativa mensal	63.4
Extrema maxima — dia 22	88.0
« minima — dia 16	33.0
Nuvens — Formas predominantes	Kn-S
Quantidade media	5.6
Dias claros	4
Nublados	25
Encobertos	2
Horas de Sol durante o mez	156.3
Total de chuva cahida	$67^{m}/^{m}4$
Altura maxima em 24 horas dia 5	$23^{m}/^{m}5$
Evaporação total ao abrigo	$127^{m}/^{m}6$
Maior evaporação, dia 15	6 5
Menor « dia 22	1.6
Media mensal da velocidade do vento em metros por segundos	0.490
Chuvas afastadas	1